

A GRIPE ESPANHOLA, CARNAVAL E GREVES

RICARDO AUGUSTO DOS SANTOS, PPG-UFF

A Epidemia de Gripe Espanhola começou no Rio de Janeiro em setembro de 1918 e permaneceu atingindo a cidade até novembro, ameaçando com surtos menos intensos durante o ano seguinte. No início, surgiram os primeiros sintomas: febre e prostração. Era a enfermidade que vinha da Europa pelos navios que ancoravam nos portos brasileiros. Numa cidade com cerca de um milhão de habitantes, morreram, segundo estimativas, cerca de quinze mil pessoas e 600 mil teriam ficado doentes. Os médicos não sabiam tratar a gripe e receitavam caldo de galinha e limão. Entretanto, por mais trágico que tenha sido o fato, a doença não era a única preocupação dos moradores. Acontecimentos como greves, foram bastante comuns. Entre 1917 e 1919, surgiram inúmeros movimentos sociais reivindicando melhores condições de vida. Entretanto, não somente doença e trabalho ocupariam as páginas dos jornais. Após o período mais intenso da gripe, tivemos o carnaval de 1919, um dos mais animados que o Rio viveu. Portanto, este trabalho resgata alguns processos que envolveram a doença, a cidade, seus moradores e suas relações sociais.

A Gripe Espanhola

O trem avança pelos trilhos. Ao fundo, paisagens rurais. Apesar da brisa que refresca o rosto, está fazendo um calor! Também pudera, estamos em outubro e o Rio de Janeiro, nesta época, é bastante quente. Destino final de nossa viagem: a Festa da Penha. Originalmente uma festa religiosa e de raízes portuguesas, era realizada no alto do morro com orações. No entanto, no arraial ao pé da pedra, onde está construída a igreja, o evento assumia um outro caráter. A ocasião atraía, de acordo com dados colhidos em jornais e revistas de 1918, cerca de 60 mil pessoas. Segundo o jornalista Jota Efegê (1902-1987), para o evento corriam os sambistas e malandros que se misturavam às famílias portuguesas que iam fazer piqueniques.

Este encontro das camadas populares abria o período carnavalesco. As barracas montadas pelas tias baianas ofereciam comidas e bebidas. E havia cantoria. O samba lançado na Penha tinha seu sucesso garantido no carnaval seguinte, pois durante os finais de semana de outubro ele seria cantado nas rodas formadas. Um dos compositores que freqüentava a festa era Oscar José Luis de Moraes (1883-1961), que entrou para a história da música popular brasileira com o sugestivo nome de Caninha. Durante um período, este personagem ganhava a vida vendendo pedaços de cana-de-açúcar na estação de trens Central do Brasil, anunciando: “Olha a caninha, vamos comprar caninha doce!”. Sua presença na história musical do Rio começou no início do século, quando ele começou a freqüentar as casas das tias, Dadá, na Pedra do Sal, perto do cais do porto e Ciata, na Praça 11. Após algumas músicas que não obtiveram muita repercussão, Caninha compareceu à Penha, em outubro de 1918, com o seu primeiro sucesso, o maxixe *Gripe Espanhola*. Sua letra dizia assim: *A Espanhola está aí / A Espanhola está aí / A coisa não está brincadeira / Quem tiver medo de morrer não venha / Mais à Penha*. A partir daí, ele passou a freqüentar o evento e a compor para os carnavais seguintes.

Ditas estas palavras sobre este fato, no mínimo, curioso, devido à rapidez com que a doença tornou-se tema de uma música, vamos falar de alguns fatos relativos à epidemia de Gripe Espanhola. Se Caninha escreveu versos sobre a moléstia, outros homens igualmente tiveram suas vidas afetadas pela enfermidade. Como responderam à dor? Como se comportaram frente a tantas mortes?

A epidemia começou no Rio de Janeiro em meados de setembro de 1918 e permaneceu atingindo seus moradores até novembro. No início, os cariocas começaram a apresentar os primeiros sintomas: febre e prostração. Era a “Espanhola”, a enfermidade que vinha da Europa pelos navios que ancoravam nos portos brasileiros. Numa cidade com cerca de um milhão de habitantes, morreram,

segundo estimativas, 15 mil pessoas¹. E cerca de 600 mil teriam ficado enfermas! Os médicos não sabiam o que fazer e receitaram caldo de galinha e limão. Não que o Brasil não estivesse avisado. A Gripe estava dizimando na Europa e mataria, de acordo com as estatísticas mais modestas, de vinte a trinta milhões de pessoas em todo o mundo. E não existem registros ou conhecimento de quantos teriam morrido no Oriente, na China, por exemplo.

Os cariocas morriam em casa, na rua, no trabalho e eram recolhidos pelos funcionários da Prefeitura, que jogavam os corpos nas carroças do serviço de limpeza pública. Os cadáveres sendo empilhados. Conta-se que quando os carroceiros descobriam alguém dado como morto e ainda vivo, acabavam de matá-lo. Nos cemitérios, coveiros abriram valas, onde eram despejadas dezenas de mortos. E, quanto mais corpos acumulados, mais a situação piorava. Era impossível ignorar a morte. O escritor Nelson Rodrigues (1912-1980) narrou em suas memórias o horror que foi a passagem da Espanhola na cidade: *“Morrer na cama era um privilégio abusivo e aristocrático. O sujeito morria nos lugares mais impróprios, insuspeitados: – na varanda, na janela, na calçada, na esquina, no botequim... Muitos caíam, rente ao meio-fio, com a cara enfiada no ralo. Era muito defunto para os poucos coveiros...”*²

A doença, inicialmente, apresentou-se como um mal terrível, porém muito distante. Talvez, as pessoas acreditassem numa possível ajuda divina. Segundo o historiador Luiz Antonio Teixeira³, tanto a imprensa quanto os responsáveis pelos serviços de saúde pública colocavam em dúvida a existência da Espanhola no Brasil. Os casos observados poderiam ser de outras moléstias ainda não diagnosticadas. Apresentando-se como uma doença geralmente benigna, a gripe pode transformar-se em uma enfermidade fatal. Embora, ainda seja veiculada a idéia do caráter “democrático” dessa doença (e de outras também), que parece atingir igualmente

¹Entre 12/10/1918 e 05/11/1918 foram registradas oficialmente 12.221 mortes. Certamente, boa parte destes óbitos aconteceu entre a população pobre.

²RODRIGUES, Nelson. *Memórias*. Rio de Janeiro: Edições Correio da Manhã, 1967.

³TEIXEIRA, Luiz Antônio. *Medo e Morte: Sobre a Epidemia de Gripe Espanhola de 1918*. Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1993.

todas as classes sociais, sua atuação é muito mais letal em organismos debilitados por condições de sobrevivência inadequadas.

Em outubro, a epidemia foi dominando a cidade. A imprensa noticiava a existência de doentes em locais de grande concentração: quartéis, fábricas e escolas. Neste momento, o número de doentes havia crescido suficientemente para deixar a população apavorada. A violência da Gripe transformava o Rio de Janeiro, paralisando vários setores das atividades urbanas. O medo apossou-se das pessoas pouco a pouco. As narrativas mais terríveis falam de atos cometidos por indivíduos transtornados com a situação. A interrupção das atividades econômicas e tantas outras adversidades inerentes aos surtos epidêmicos não foram evitadas e nem houve planejamento para aplacar os efeitos da *Espanhola*. Embora o texto de Nelson Rodrigues seja repleto de emoção, não podemos duvidar dos fatos narrados: “*vinha o caminhão de limpeza pública, e ia recolhendo e empilhando os defuntos. Mas nem só os mortos eram assim apanhados no caminho. Muitos ainda viviam.*”⁴

A Gripe Espanhola dificultou os rituais que acompanham a morte, práticas ainda bastante comuns naqueles tempos. Segundo alguns depoimentos, o governo proibiu os velórios e as pessoas não gostaram de não poderem levar seus parentes queridos a última morada. Frente ao desconhecimento ou ineficácia das medidas terapêuticas que pudessem impedir o contágio ou curar os doentes, as autoridades públicas restringiram-se a orientar a população a evitar aglomerações. Apenas, algumas medidas foram tomadas para atender os enfermos. A cidade transformou-se num caos generalizado, faltavam alimentos e os saques aos depósitos de comida eram constantes. Para completar este quadro tenebroso, havia o problema dos cadáveres insepultos. Não havendo coveiros em número suficiente para enterrar os mortos, foram utilizados os presidiários. Mesmo assim, o cenário de corpos amontoados pelos cemitérios ou abandonados pelas ruas desertas era desolador.

⁴ RODRIGUES, Nelson. *Memórias*. Rio de Janeiro: Edições Correio da Manhã, 1967.

Com o desenrolar dos fatos, aumentava ainda mais o temor coletivo. No período mais crítico, a população ficou desesperada. A divulgação pela imprensa do número de óbitos e das atrocidades cometidas durante a epidemia intensificava o clima de medo. A todo este contexto podemos acrescentar o ar fétido, emanado das covas onde os corpos eram “jogados” à espera de sepultamento. Existem relatos de pessoas que foram obrigadas a enterrar em suas casas os parentes ou simplesmente colocá-los nas calçadas e ruas.⁵ Frente ao desespero da população, foram organizadas procissões religiosas pedindo a São Sebastião que cuidasse da Gripe. Além de padroeiro do Rio de Janeiro, ele era considerado, desde os tempos medievais, defensor das comunidades frente aos perigos epidêmicos. Esta crença tem paralelo com a devoção das populações européias. Nas comunidades acometidas pela Peste Bubônica entre os séculos XIV e XVIII, acreditava-se no poder de salvação deste santo. Como ele havia resistido à morte pelas lanças atiradas contra seu corpo, as pessoas o julgavam capaz de afastar as “flechas” da Peste enviadas por seres divinos irados frente aos pecados cometidos pelos homens.

A Gripe forçara o fechamento do comércio, indústrias e serviços públicos. A cidade estava paralisada. Desconhecendo as ações que pudessem impedir o contágio ou mesmo tratar os doentes, o governo passou a distribuir quinino. Contudo, sem saber o real valor terapêutico desta substância no combate à doença ou o perigo da sua ingestão sem controle. Surgiam na imprensa receitas “peculiares”, que prometiam a cura. Além disso, os produtos (galinhas, quinino, canela, ovos e limão) tidos como eficazes no combate sofreram intensa especulação comercial. Através das lembranças do médico e escritor Pedro Nava (1903-1984), podemos imaginar como foram aqueles dias: *“Verdadeiros ou falsos os boatos eram como se fossem realidade pelo impacto emocional que causavam. Descrevia-se a fome. Os ataques às padarias, armazéns e bodegas por aglomerados de esfaimados e convalescentes esqueléticos, roubando e*

⁵ GOULART, Adriana da Costa. Um cenário mefistofélico: a gripe espanhola no Rio de Janeiro. UFF, 2003.

*tossindo. Dizia-se de famílias inteiras desamparadas ... uns com febre outros com fome; de criança varada, sugando o seio da mãe morta e podre...*⁶

A desorganização das atividades comerciais provocou uma grave crise de abastecimento. Se nas áreas mais próximas do centro urbano havia dificuldade em se conseguir comida, nos distantes subúrbios tudo era extremamente escasso. Para amenizar a situação, o governo distribuía pão e caldo de galinha para os mais pobres. Entretanto, noticiadas pela imprensa, as reclamações dos moradores destes bairros deixam claro que esta medida foi pouco eficaz. Na impossibilidade de conseguir alimentos, passou a ser comum o saque aos armazéns.

Os habitantes do Rio de Janeiro, - e principalmente os trabalhadores⁷ das indústrias têxteis - viviam um quadro extremamente grave: além da terrível epidemia, péssimas condições de trabalho, saúde e habitação, e uma conjuntura recessiva. Estimulados pelas lutas sociais, operários cariocas anarquistas urdiram uma insurreição. Constituído um conselho diretor do movimento - integrado por José Oiticica, Agripino Nazaré e Astrogildo Pereira - marcou-se a data: 18 de novembro de 1918. Os operários das indústrias têxteis entraram em greve e os insurretos reuniram-se no Campo de São Cristóvão, chegando a tomar a delegacia local. Os acontecimentos chegaram a reunir mais de 4000 mil trabalhadores. Na tarde no dia 18, vários membros foram presos.⁸

E, no final de 1918, assim como surgira sem avisar, a “Espanhola” foi embora. As pessoas começaram a sair de casa e retornaram ao cotidiano. A partir deste momento, desencadeou-se um conjunto de atitudes da população em relação à epidemia. Sentimentos de medo e uma surpreendente alegria. Pesquisando em jornais dados sobre a Gripe que matou milhares de pessoas, encontramos inúmeras músicas

⁶ NAVA, Pedro. *Chão de ferro. Memórias/3*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

⁷ Grande parte dos trabalhadores do Rio de Janeiro estava neste segmento industrial, o que confere um significado especial. O ramo de produção têxtil exigia pouca qualificação profissional. Por isto, o rodízio da mão-de-obra, freqüentes demissões e um considerável número de mulheres e crianças entre os operários.

⁸ ADDOR, Carlos Augusto. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

de carnaval "brincando" com os fatos da epidemia, notas sobre a criação de blocos carnavalescos e convites para bailes fazendo alusão à Gripe. Parece que os cariocas não se intimidaram e caíram na farra, comemorando o fato de que tinham sobrevivido ao fim do mundo.

Alguns cronistas cariocas qualificam o carnaval de 1919 como um dos mais animados que o Rio de Janeiro teve: bailes, batalhas de confete e incontáveis blocos espalhados pelos bairros da cidade. Ao que parece, houve uma dramatização carnavalesca da situação que os vitimara. A "Espanhola" atacara também outras regiões, mas o Rio de Janeiro conheceu este fenômeno muito interessante: o carnaval de 1919, o primeiro depois da Gripe⁹. Revistas ilustradas, como *O Malho*, *Careta* e outras, documentam em dezenas de imagens fotográficas a folia que animou a cidade. Segundo Nelson Rodrigues, a perda dos laços comunitários foi total. Uma festa, onde antes havia medo e morte. Segundo a descrição dos sobreviventes e vítimas, o medo e a presença avassaladora da morte levavam à alteração das normas sociais durante e após a epidemia.

O escritor Nelson Rodrigues descreveu em suas memórias a banalidade da morte naqueles dias. Eram os defuntos insepultos e casos de extrema crueldade e perversão. É evidente que alguns acontecimentos - homicídio, suicídio e agressão sexual- ganharam uma dimensão um pouco exagerada. Contudo, de acordo com as narrativas, o temor da Gripe e a morte de parentes, amigos e vizinhos levavam a um "relaxamento" das regras sociais durante e após o período epidêmico. Para o escritor Carlos Heitor Cony, um dos fatos que demonstram a rápida mudança dos padrões de relacionamento social naquele carnaval, deve-se ao fato, citado por ele, baseando-se nas lembranças do jornalista Mário Filho (1908-1966), de que foram cometidos inúmeros "defloramentos" no período carnavalesco. Segundo Cony, cerca de 2.000 casos, somente nas áreas próximas da Rua Santo Amaro (Bairro da Glória). Para

9 CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

Cony, a “esbórnica foi total!” Mario Lago (1911-2002) também recordava a animação que tomou conta da cidade.

Assim, a festa e o prazer marcavam os momentos que poderiam ser os últimos. O advento da Gripe modificou as atitudes diante da morte e da própria vida. No entanto, este período de “anormalidade” estava intrinsecamente relacionado à cultura do Rio de Janeiro da época. Certamente, a população carioca foi construtora dos fatos narrados. Porém, as condições sociais e culturais, além de posicionamentos específicos de classe, condicionaram as “respostas” que os indivíduos “davam”. Segundo, um bom número de estudos, nas primeiras décadas do século passado, os “defloramentos” eram bastante numerosos. Sim, a epidemia havia transformado o cotidiano das pessoas. Mas, devemos reconhecer que as mudanças ocorridas deram-se em meio às estruturas mentais existentes na cidade.

Teria sido assim tudo tão horrível? Certamente, as lembranças dos que viveram o surto epidêmico são controversas. Todavia, houve muito do que as crônicas descrevem. Embora os textos dos cronistas sejam repletos de imaginação e os depoimentos dos que viveram os fatos –vestígios que escaparam à destruição–estejam impregnados de dor e sentimento, como negar estas testemunhas? Certamente, estes relatos embaçados pelo tempo trazem à tona discursos de um quadro muito penoso, mas também, paradoxalmente, de alegria. Em relação ao carnaval de 1919, várias perguntas ainda estão por serem respondidas. Como as diferentes camadas sociais “brincaram” o carnaval da gripe? E, em relação, aos movimentos sociais e operários? Diante da insalubridade, que comprometia a saúde e a ordem pública, qual a relação desses movimentos com a Gripe? Sabe-se que diversas associações operárias criaram um *Comitê Pró-Combate a Epidemia*, e que diante das reivindicações desta organização, alguns de seus membros foram presos. O que terão feito? O que será que exigiam? Respostas que a pesquisa histórica espera responder.